

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A INFLUÊNCIA DAS MIGRAÇÕES DE POVOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS PARA A EXPANSÃO DO EVANGELHO

The influence of the migration of peoples from the first centuries to the
expansion of the Gospel

Eduardo Balaniuk¹

RESUMO

Através das perseguições ao longo dos primeiros séculos até o século XIX, as migrações de povos foram uma das consequências. Diante disso, surge o questionamento: será que as migrações de povos influenciam a expansão do Evangelho? Uma vez que as pessoas se viam obrigadas a migrar para salvar suas vidas, elas levavam consigo suas crenças e expandiam o Evangelho. Dessa forma, o cristianismo aumentava silenciosamente e inúmeros povos foram influenciados. Nota-se que o Evangelho transpassou e transpassa qualquer barreira cultural ou geográfica e assim se estende a todas as pessoas e povos. As imigrações ensinaram, e ensinam ainda hoje, que é preciso haver acolhimento para imigrantes e refugiados, para dessa maneira demonstrar pertencimento ao local em que estão. Foi através das influências das migrações que o Evangelho se espalhou por todo o mundo, apesar de algumas vezes ter sido introduzido de maneira errada.

Palavras-chaves: Migrações. Evangelho. Cristianismo. Povos.

ABSTRACT

The migration of people was one of the consequences of the persecutions throughout the first centuries until the nineteenth century. In the face of it the following question arises: do the migration of people influence the expansion of the Gospel? Once people were forced to migrate to save their lives, they took their beliefs with them and expanded the Gospel. In this way Christianity increased silently and countless people were influenced.

¹ O autor é bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí / RS) e pós-graduando em Libras e educação para surdos pela Universidade Pitágoras Unopar. E-mail: balaniuk_4@hotmail.com

It is noticed that the Gospel passed through and pass through any cultural or geographical barrier and thus extends to all people and peoples. Immigration has taught, and still teaches today, that there must be a reception for immigrants and refugees, in order to demonstrate that they belong to the place where they are. It was through the influences of the migrations that the Gospel spread throughout the world, although it was sometimes introduced in the wrong way.

Keywords: Migrations. Gospel. Christianity. Peoples.

INTRODUÇÃO

Diante do crescente fluxo migratório em todo o mundo, percebe-se que há a necessidade de atentar os olhos para o passado, e dessa forma buscar entendimento para as questões presentes e futuras. Segundo dados da Organização das Nações Unidas, de 2013, há aproximadamente 232 milhões de migrantes em todo o mundo. Muitos dos que emigram buscam melhores condições de vida. Quando o imigrante passa a viver em outro lugar, leva consigo suas crenças, experiências e culturas.

Através da história nota-se que houve influências deixadas pelos imigrantes. Desde os tempos bíblicos até os dias atuais, a imigração é um tema recorrente, que se modifica ao longo dos anos através de situações diversas, como desastres naturais, guerras, problemas socioeconômicos, entre outros.

Diante desses fatos, o trabalho apresentará as migrações históricas causadas por perseguições. Ao longo do primeiro ponto, demonstrar-se-á como os cristãos se expandiram tanto geograficamente quanto numericamente nos primeiros séculos, pelo fato de estarem sendo perseguidos. Será vista a perseguição contra a Igreja Primitiva, entre judeus e gentios. Na sequência, a ênfase será em questões que envolvem a perseguição do Império Romano contra os cristãos, levando muitos à morte. No final da Idade Média, que havia se iniciado no final do século III, o cristianismo havia se expandido em diversas regiões do mundo. Com isto, houve o movimento dos reformadores, que visava acabar com as heresias. Ainda nos séculos XV e XVI, muitos cristãos emigraram para outros lugares e contribuíram para a expansão da fé cristã.

Será abordada no terceiro ponto a influência que a imigração à América do Norte causou para a expansão do Evangelho. Inclusive foi nos Estados Unidos que os morávios se fixaram para expandir a missão missionária que impactou diversos países. O comunismo, fascismo e nazismo, e de que maneira isso influenciou a Europa e a América do Sul é descrito no quarto ponto. Durante essa época, milhares de pessoas se deslocaram para salvar suas vidas das guerras, ou procurar melhores condições de vida. Também é durante este período, ainda no século XIX, que se estendeu durante muitos anos, que grandes contingentes de imigrantes protestantes desembarcaram no Brasil. Esses emigrantes, trouxeram consigo suas práticas religiosas em seus novos países, com elas novas possibilidades de expansão do cristianismo.

1. AS MIGRAÇÕES CRISTÃS NOS PRIMEIROS SÉCULOS

Desde sua origem, a fé cristã não foi fácil nem simples, e Justo L. González dá um sentido para esta expressão. Ele descreve que o próprio Senhor, a quem os cristãos serviam, havia morrido na cruz, condenado como um malfeitor qualquer. Algum tempo depois, muitos que se diziam cristãos começaram a ser perseguidos por causa de sua crença em Jesus Cristo.² Por isso, nos primeiros séculos as migrações da Igreja aconteceram por causa de perseguições. Conforme Aldery Souza de Matos, a Igreja cristã nasceu com uma vocação para crescer e se tornar universal.³ E certamente, uma das principais vias de expansão foi a perseguição sofrida durante anos.

Lucas relata no livro de Atos que a perseguição se iniciou com o martírio de Estêvão, “todos, exceto os apóstolos, foram dispersos [*diesparesan*] pelas regiões da Judeia e Samaria”. Lucas demonstrou o crescimento do movimento geográfico e cultural externo do evangelho. Geograficamente, com a missão indo para o norte. Culturalmente, a missão passou dos judeus para os gentios.⁴ Por onde andavam, levavam a nova fé.

Matos complementa, descrevendo que, nos três primeiros séculos, a igreja experimentou notável expansão geográfica. Afirma que as regiões atingidas até o final do primeiro século formavam um semicírculo em torno da extremidade oriental do Mar Mediterrâneo, indo desde Cirene (Líbia), ao sul, até a Itália central, ao norte, incluindo todas as regiões intermediárias – Egito, Palestina, Síria, Ásia Menor, Grécia e Macedônia. As maiores concentrações de comunidades cristãs estavam na Palestina, na Síria e na chamada Ásia, o oeste da Ásia Menor, em torno da cidade de Éfeso.

No segundo e no terceiro séculos, as novas regiões alcançadas incluíam, no Oriente, a Mesopotâmia (Iraque), a Pérsia e a Armênia, e no Ocidente, toda a Península Balcânica ao sul do rio Danúbio, a região ao sul do rio Reno (Tchecoslováquia, Iugoslávia, Albânia), toda a Península Itálica, partes da Alemanha, França, Espanha e Lusitânia (Portugal) e o sul da Britânia (a futura Inglaterra). No norte da África, um novo e florescente centro cristão foi a Numídia (a atual Tunísia) e sua capital Cartago. É verdade que em muitos desses lugares a presença cristã era ainda pequena, mas crescia continuamente.⁵

1.1 A perseguição na Igreja Primitiva

Os primeiros cristãos não criam que pertenciam a uma nova religião. Eles eram judeus, e a principal diferença que os separava do restante do judaísmo era que criam que o Messias já tinha chegado, enquanto que os demais judeus ainda aguardavam o seu advento.⁶ Porém,

² GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução de Key Yuassa. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 38.

³ MATOS, Aldery Souza. **“O crescimento da igreja através dos séculos”**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7127.html>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

⁴ STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**: até os confins da terra. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 2000, p. 226.

⁵ MATOS, 2016.

⁶ GONZÁLEZ, 2011, p. 38.

os judeus não cristãos acreditavam que o cristianismo era uma nova religião, mas uma seita herética dentro do judaísmo. González descreve que, ao aparecer o cristianismo, os judeus não o viam senão como mais uma seita.⁷ O apóstolo Lucas relata em Atos que, mesmo com a prisão, oposição e perseguição aos que pregavam, nada impedia o avanço da Palavra de Deus.⁸

Outro motivo de perseguição à Igreja Primitiva foi o nacionalismo. Sabe-se que o sentimento nacionalista e patriótico se exacerbava diante da possibilidade de que esses novos hereges pudessem uma vez mais provocar a ira de Deus sobre Israel. Por estas razões, em boa parte do Novo Testamento os judeus perseguem os cristãos.⁹ É interessante notar que o nacionalismo judeu foi crescendo em intensidade e encontrou expressão particularmente perigosa nas atividades dos Zelotes, grupo que considerava a si mesmo como a verdadeira linha sucessória dos antigos Macabeus. Os Zelotes consideravam o governo estrangeiro dos romanos uma situação intolerável. Esse grupo contribuiu para a guerra com Roma, que assolou de 66 a 70 d.C. e terminou com a destruição de Jerusalém e de todo o Estado judeu. Jerusalém foi remodelada como cidade pagã. Os judeus já não tinham Jerusalém, nem Templo, e estavam lutando pela sobrevivência de Israel.¹⁰

Matos mostra que, nos primeiros tempos, houve sério obstáculo a ser transposto. Muitos cristãos judeus queriam que os conversos gentios praticassem a lei de Moisés, isto é, se tornassem adeptos do judaísmo, para poderem se tornar cristãos. Somente crer em Cristo não era suficiente. O “concílio de Jerusalém”, descrito em Atos 15, resolveu o problema de maneira sábia e equilibrada, dizendo que os cristãos gentios não precisavam seguir a lei mosaica, mas apenas se abster de determinadas práticas, visando manter a comunhão com os seus irmãos judeus. Isso permitiu que o movimento cristão deixasse de ser uma simples seita dentro do judaísmo e abraçasse plenamente a sua vocação universal. Inicialmente restrito aos judeus, cada vez mais o evangelho passou a ser pregado deliberadamente aos gentios, fato que ocorreu de maneira ampla, pela primeira vez, na cidade de Antioquia da Síria (At 11.19-21). A partir de então, esse processo se tornou irreversível.¹¹

À medida que o cristianismo foi se estendendo entre os gentios, houve distinções cada vez mais claras entre o judaísmo e o cristianismo. Foi então que começou a história dos dois séculos e meio de perseguições por parte do Império Romano.¹²

1.2 O Império Romano

Como no caso do livro de Atos, em que Paulo descreve a perseguição aos cristãos pelo governo da época, os imperadores acusavam os cristãos de crerem em um Deus único. Nesta

⁷ GONZÁLEZ, 2011, p. 38

⁸ STOTT, 2000, p. 105.

⁹ GONZÁLEZ, 2011, p. 38

¹⁰ RUSSEL, David S. **Entre o Antigo e o Novo Testamento: o período interbíblico.** Tradução de Eliseu Pereira. São Paulo: Abba Press, 2005, p. 35-37.

¹¹ MATOS, 2016.

¹² GONZÁLEZ, 2011, p. 39.

época, o Panteon (conjunto de deuses) se aproximava de 30 mil divindades.¹³ O governo também acusava os cristãos de não prestar cultos aos imperadores, e consideravam-nos hostis por parte dos judeus, por não seguirem as leis mosaicas. Afirmavam que os crentes perturbavam o comércio dos artesãos de amuletos. Na noite de 18 de julho de 64, o Imperador Nero, sedento pela construção de novos edifícios públicos, ateou fogo em uma parte da velha cidade. O imperador, acuado, jogou a culpa sobre os cristãos e por todo império difundiu-se a ordem de que não era lícito ser cristão.¹⁴

Com a acusação aos cristãos por terem ateadado o fogo, cerca de 3000 judeus foram condenados à morte pelo procurador Gessio Floro, o que levou a nação a se revoltar. Após um longo período, Nero enviou Vespasiano para negociar com os revoltosos, porém este nada fez. Em 70 d.C., Tito destruiu a cidade por completo. A comunidade cristã levou a sério o oportuno aviso, refugiando-se em Péla, que se localizava em Perea, região que já havia sido pacificada por Vespasiano.¹⁵

O historiador Tácito descreve que, além de matar os cristãos, Nero fez eles como diversão para o público. Deixava que cachorros os matassem a dentadas, outros foram crucificados. Usou cristãos para atear fogo para iluminar a noite. O castigo era excessivo, e a perseguição não aconteceu em prol da justiça. Pelo contrário, era apenas para atender aos caprichos do Imperador. Muitos foram os mártires, incluindo Pedro e Paulo. Mas no ano de 68, o Império depôs o tirano. Nero fugiu e suicidou-se. Com a morte de Nero, muitas de suas leis foram abolidas. Todo o Império parecia ter se esquecido dos cristãos, mas o número continuava aumentando silenciosamente.¹⁶

Os cristãos primitivos se encontravam em catacumbas, que eram esconderijos para garantir a própria segurança. Começam a buscar refúgio por causa da antipatia popular, da oposição judaica e da perseguição do governo romano em esconderijos subterrâneos, que se estendiam pela Via Ápia, em Roma. Em média, sete milhões de catacumbas existiam ao redor de Roma.¹⁷

As perseguições não foram generalizadas nem contínuas, mas causaram consideráveis danos à igreja em algumas de suas regiões mais prósperas, como a Ásia Menor, Itália, Egito e sul da Gália. Apesar da repressão, não teve o efeito esperado, porque, quando a mesma cessava, o exemplo dos mártires e outros que sofreram por sua fé, inspiravam os cristãos a um esforço renovado pela difusão das boas novas.¹⁸

O povo desta religião foi considerado como “inimigos da raça humana”. Parece, portanto, que o ódio despertado contra os cristãos nessa ocasião foi tanto que, desse momento em diante, eles seriam considerados necessariamente como corruptores da

¹³ SANTOS, Ismael dos. **Atos 29**: breves notas sobre os três primeiros séculos da igreja cristã. Blumenau: Nova Letra, 2006, p. 70.

¹⁴ SANTOS, 2006, p. 72.

¹⁵ WAND, J. W. C. **História da Igreja Primitiva**: até o ano 500. Tradução de Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Custom, 2004, p. 26.

¹⁶ GONZÁLEZ, 2011, p. 42-43.

¹⁷ SCOTT, Benjamin. **As catacumbas de Roma**. Tradução de José Luiz Fernandes Braga Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 1923, p. 70-71.

¹⁸ MATOS, disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7127.html>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

sociedade, colocados como marginais.¹⁹ Cerca do ano 200 d.C., Tertuliano (150 – 220 d.C.), teólogo que buscou unificar a fé, escreveu a célebre frase: “O sangue dos mártires é semente”.²⁰ Ele também fez a seguinte afirmação dirigida aos pagãos: “Nós somos um grupo novo, mas já penetramos em todas as áreas da vida imperial – nas cidades, ilhas, vilas, mercados, e até mesmo no campo, nas tribos, no palácio, no senado e no tribunal. Somente deixamos para vocês os seus templos”. O cristianismo crescia espontaneamente através do testemunho de cristãos anônimos que no seu dia a dia compartilhavam informalmente a fé com seus parentes, amigos, vizinhos, conhecidos e colegas de trabalho.²¹

Além de Tertuliano, outros pais apostólicos influenciaram o pensamento cristão da Igreja. Ireneu de Lião (130 - 177 d.C.) preocupou-se com a doutrina na Igreja. Clemente de Alexandria (150 – 215 d.C.) e Orígenes de Alexandria (185 – 254 d.C.) defenderam a fé diante dos pagãos e tentaram descobrir os segredos de Deus.²² Os pais apostólicos estavam escrevendo para instruir os cristãos na crença e para defender a integridade do cristianismo contra mal-entendidos e perseguições.²³

2. ANTECEDENTES DA REFORMA PROTESTANTE NO FINAL DA IDADE MÉDIA

No final do terceiro século, a situação do mundo cristão era muito diferente. Apesar das revoltas dos judeus no começo da Igreja Cristã, o cristianismo tornou-se a religião dos gentios por excelência. Com sua expansão no Ocidente, chegando à Bretanha romana, seu centro informal mudou de Jerusalém para Roma. O imperador Constantino abraçou o cristianismo em 312 d.C. Ao final do século IV, o cristianismo já seria a religião oficial do império.²⁴ No ano 313, Constantino assinou o Edito de Milão, garantindo a liberdade religiosa dentro do Império. Este edito visava garantir tanto aos cristãos quanto a todos os outros a plena autoridade de seguir qualquer culto que o homem desejar. Dessa forma, a igreja passou de perseguida a privilegiada.²⁵ A autoridade dos papas aumentou e muitas igrejas foram edificadas na época do papa Silvestre I (314-35) e seus sucessores. O cristianismo falava a homens e mulheres de todas as classes.²⁶

2.1 Wycliffe e Hus: movimentos reformadores

Considerados “hereges” pela igreja apostatada da fé, os verdadeiros cristãos não possuíam as Escrituras Sagradas no seu todo. Para impedir a disseminação das doutrinas

¹⁹ WAND, 2004, p. 31.

²⁰ CURIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2003, p. 27.

²¹ MATOS, disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7127.html>>. Acesso em: 03 de mar. 2016.

²² GONZÁLEZ, 2011, p. 85.

²³ OLSON, Roger E. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001, p. 52.

²⁴ DOWLEY, Tim. **Atlas Vida Nova**: da Bíblia e da história do cristianismo. Tradução de Robinson Malkomes e Eber Cocareli. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 75.

²⁵ CURIS, 2003, p. 38.

²⁶ DOWLEY, 2006, p. 79.

evangélicas, a igreja romana adotou muitos planos e movimentos para destruir os escritos bíblicos relacionados com os “hereses”. Todos os que persistiam em ensinar estas doutrinas, eram duramente perseguidos.²⁷

Contudo, no século XIV, houve um movimento de reforma que visava corrigir as doutrinas da igreja medieval, ajustando-as à mensagem bíblica.²⁸ João Wycliffe (1330-1384) foi um dos que defendeu que as Escrituras pertenciam ao povo e por isso precisavam ser traduzidas à língua comum do povo. Wycliffe teve sua expressão no movimento dos “lollardos” – expressão holandesa que quer dizer “murmuradores”. Vários de seus discípulos divulgaram suas doutrinas entre o povo, parte das Escrituras foi traduzida para o inglês. Em 1382, o arcebispo de Londres, Guilherme Courtenay, condenou o lollardismo, e alguns deles chegaram a ser perseguidos. O resultado foi que este movimento tornou-se popular. No século XVI, o número dos mártires executados por defender estas doutrinas aumentou consideravelmente. Mais tarde, o remanescente lollardo misturou-se com os primeiros protestantes.²⁹

João Hus (1369-1415) foi nomeado reitor e pregador da capela de Belém, em Praga. Porém, nas paredes da Capela de Belém, as pinturas construíam o comportamento dos papas e de Cristo: enquanto os papas eram reverenciados, Jesus era ofendido. Hus fez com que o clero odiasse suas pregações, pois denunciava o estilo de vida moral e extravagante do clero, e afirmava que somente Cristo é o cabeça da igreja. Em 1414, Hus foi convocado ao Concílio de Constança para defender seus ensinamentos. O concílio já tinha uma opinião formada sobre Hus. Ele se recusou a negar suas convicções. No ano de 1415, Hus foi condenado à morte. Após ser queimado em uma fogueira, aumentou muito seu reconhecimento. Seus seguidores se rebelaram contra a Igreja Católica e seu império controlado pelos germânicos.³⁰

2.2 Migrações no decorrer do século XV

Os portugueses foram os primeiros a se aventurarem pelo oceano Atlântico, enquanto a maior parte da Europa se encontrava, no século XV, dividida em várias pequenas regiões rivais entre si. O aprimoramento dos instrumentos de navegação e o fato de existir uma população portuária enriquecida e com desejo de expandir seu comércio, permitiram aos portugueses e espanhóis empreender grandes viagens pelo oceano.³¹ Um dos períodos de expansão do Evangelho teve início com as navegações empreendidas por diversas nações europeias no final do século XV e início do século XVI. Em muitas regiões, os missionários

²⁷ ALMEIDA, Abraão de. *Lições da história que não podemos esquecer*. São Paulo: Vida, 1996, p. 137.

²⁸ GONZÁLEZ, 2011, p. 487.

²⁹ GONZÁLEZ, 2011, p. 491-492.

³⁰ CURIS, 2003, p. 99-101.

³¹ SOUZA, Wanessa. *As grandes navegações e o descobrimento do Brasil*. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/asgrandesnavegacoeseodescobrimentodobrasil.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

católicos chegaram ao mesmo tempo que os conquistadores e colonizadores, como foi o caso da América Latina e de algumas partes da América do Norte, África e Extremo Oriente.³²

Nem sempre na história da igreja os grupos imigrantes foram agentes da evangelização, e sim objeto da mesma. Nos séculos IV e V houve invasões bárbaras na Europa. Esses povos da Ásia e da Europa oriental migraram para o rico Império Romano em busca de melhores condições de vida. E à medida que foram conquistando, foram conquistados. Chegaram pagãos e se tornaram cristãos. Outros grupos como os francos, burgúndios, vândalos, alanos, suevos também adotaram o cristianismo quando se estabeleceram na Península Ibérica. Nas Ilhas Britânicas, nos primeiros séculos da era cristã, o cristianismo se instalou em vários povos daquela região. Em meados daquele século, dois povos pagãos do norte da Europa, os anglos e os saxões, invadiram a Britânia, que assim passou a chamar-se Inglaterra. Esses povos eliminaram boa parte do cristianismo celta e foram cristianizados pelos esforços de missionários enviados pelo papa Gregório Magno (590-604). A missão cristã foi levada através dos nestorianos da Ásia, durante muitos séculos. Considerados hereges pela igreja oficial, levaram a mensagem de Cristo a muitos lugares inóspitos e longínquos que nunca tinham sido atingidos pelo cristianismo majoritário.³³

As grandes navegações e os grandes descobrimentos efetuados pelos espanhóis e portugueses nos séculos XV e XVI produziram um fato novo: pela primeira vez na história da igreja, grandes contingentes populacionais cristãos se transferiram para outras partes do mundo e contribuíram para a expansão da fé em territórios nunca antes alcançados. Muitas regiões da Ásia e da África, e mais especialmente da América Latina. Estas conquistas e colonização dessa última região foi ao mesmo tempo um empreendimento político, comercial e religioso. Os conquistadores não só expandiram territórios, mas a cristandade.³⁴

Com a morte de João Hus, houve grande revolta na Boêmia. Uma das fontes destes protestos foi a proibição da ministração do cálice da Ceia aos leigos, prática que era símbolo comum aos hussitas. Surgiram duas facções no movimento hussita: um partido moderado e aristocrático, em Praga, e outro partido radical, popular. Após um período de conflito, as duas facções se uniram em 1420, adotando uma agenda religiosa comum, exigindo a livre pregação da Palavra de Deus, o cálice para os leigos, a pobreza apostólica e uma vida de austeridade para clérigos e leigos.³⁵

3. COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA DO NORTE

Os séculos XVI e XVII foram um período de intensa atividade missionária católica em vários continentes, enquanto que os protestantes pouco fizeram em termos de missões mundiais. Mas nessa época surgiram as primeiras missões evangélicas inglesas, voltadas para

³² MATOS, Alderi Souza de. **A caminhada cristã na história**: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje. Viçosa: Ultimato, 2005, p. 158.

³³ MATOS, 2005, p. 151.

³⁴ MATOS, 2005, p. 151.

³⁵ MATOS, Alderi Souza de. **A tua palavra é a verdade**: a saga dos Irmãos Morávios. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/287/a-tua-palavra-e-a-verdade-a-saga-dos-irmaos-moravios>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

a América do Norte: a Sociedade para a Propagação do Evangelho na Nova Inglaterra (1649), a Sociedade para a Propagação do Conhecimento Cristão (1698) e a Sociedade para a Propagação do Evangelho em Terras Estrangeiras (1710).³⁶

As treze colônias, que depois vieram a ser os Estados Unidos, foram fundadas por imigrantes, em sua maioria da Inglaterra, mas também da Alemanha e de outras regiões da Europa. No fim do século XVIII e durante o século XIX, houve um grande movimento migratório da Europa para os Estados Unidos, causado pelas guerras napoleônicas, as convulsões sociais causadas pela industrialização, a tirania de alguns regimes. A outra grande migração, a involuntária, foi dos escravos vindos da África, conforme foi aumentando a necessidade de mão de obra barata.³⁷

Desde os primeiros dias da exploração inglesa do Novo Mundo, houve um forte impulso de ganhar a população nativa para o cristianismo. A cristianização dos nativos tornou-se razão poderosa para o colonialismo, e os alvarás de colonização enfatizam a evangelização junto aos índios.³⁸

Os primeiros colonos na América do Norte eram, em geral, indivíduos profundamente comprometidos com suas convicções cristãs.³⁹ Embora inicialmente eles não tivessem uma motivação missionária, em pouco tempo começaram a evangelizar os indígenas e mais tarde colaboraram para criar uma cultura religiosa que desembocou no gigantesco empreendimento missionário norte-americano do século 19.⁴⁰

A Igreja Católica havia perdido as forças e tenta acordos com os hussitas. Muitos abandonaram a igreja que havia se formado na Boêmia, e mais tarde fundaram a *Unitas Fratrum* – Unidade dos Irmãos. Durante a reforma do século XVI, eles estabeleceram uma relação com o protestantismo. Pouco tempo depois, os imperadores da casa da Áustria, que davam apoio ao catolicismo, começaram a persegui-los.⁴¹

Com o advento da Reforma, os “irmãos unidos” abraçaram o protestantismo. Nessa época, eles contavam com cerca de 400 igrejas locais e 150 a 200 mil membros na Boêmia e na vizinha Morávia. Expulsos de sua pátria durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), espalharam-se por diversas regiões da Europa e perderam muitos adeptos.⁴²

Com a dominação do rei católico romano Venceslau IV (1363-1419), desencadeou-se terrível perseguição contra os morávios. Líderes foram decapitados, membros foram mandados para calabouço e para minas de trabalhos forçados. Escolas foram fechadas, Bíblias, hinários, catecismos e escritos históricos foram queimados. Os morávios então se dispersaram. De fato, 16 mil famílias repentinamente se tornaram refugiadas. Durante quase

³⁶ MATOS, 2005, p. 159-160.

³⁷ GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 375.

³⁸ TUCKER, Ruth A. “... E até aos confins da terra”: uma história biográfica das missões cristãs. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 88.

³⁹ MCGRATH, Alister E. **Teologia histórica**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: CEP, 2007, p. 235.

⁴⁰ MATOS, 2005, p. 153.

⁴¹ GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. Tradução de Key Yuassa. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 501.

⁴² MATOS, 2005, p. 169.

cem anos, procuravam fugir à perseguição. Por causa disso, formaram uma poderosa rede de cristãos “clandestinos”, organizada em pequenas células.⁴³

Em 1721, Nikolaus Ludwig von Zinzendorf (1700-1760) entrou em contato com os morávios. Começou uma comunidade que se reunia para receber pessoas que professavam o nome de Jesus. Em 1727, Zinzendorf assumiu a liderança espiritual do grupo. A Igreja Morávia restaurada permaneceu pequena, mas sua influência se fez sentir em toda a Europa.⁴⁴ Em 1741, Zinzendorf visitou a América e deu o nome de Bethlehem (Belém) à colônia que os morávios estavam criando na Pensilvânia. Essa cidade se tornaria a sede americana do movimento.⁴⁵

Zinzendorf faleceu em 1760, após uma vida intensa de atividade missionária e pastoral na Europa e na América do Norte. Iniciou missões entre os índios, organizou sete ou oito congregações morávias e fundou escolas.⁴⁶ No ano da morte de Zinzendorf, os morávios haviam enviado 226 missionários a dez países e cerca de 3000 mil convertidos tinham sido batizados. Os primeiros campos missionários eram locais difíceis e inóspitos, traço que caracteriza o trabalho desse grupo.⁴⁷

4. O COMUNISMO

Em 1848, Karl Marx (1818-1883) escreve o Manifesto Comunista. O comunismo seria a verdadeira teoria revolucionária desenvolvida por Marx. O comunismo é um movimento político que surge com a Revolução Russa e que se espalhou por todo o mundo. Para Marx, a sociedade comunista é onde não existirão mais exploradores e explorados, sem classes sociais com a figura do Estado, que desaparece.⁴⁸ Segundo esta teoria, todos os assuntos sociais e religiosos devem estar rigorosamente sob a vigilância do governo, visando à construção de uma desejada igualdade entre as pessoas, com distribuição de renda segundo as necessidades de cada um e a construção de uma sociedade sem classes.⁴⁹

4.1 Antecedentes na Europa

A Europa, ao longo do século XIX, viveu intensas mudanças através das guerras. As atenções da Europa voltaram-se para o crescente colapso do Império Turco, e isto criara diversos estados com fronteiras e governos instáveis. Essas terras tornaram-se motivo de discórdia entre as potências europeias, e essa desavença dá início à Primeira Guerra

⁴³ WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas movimento cristão mundial**. Tradução de Andrea Mezner. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 278.

⁴⁴ MATOS, 2005, p. 170.

⁴⁵ MATOS, 2005, p. 171.

⁴⁶ WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã**. Tradução de Paulo D. Siepiskowski. São Paulo: ASTE, 2006, p. 697.

⁴⁷ MATOS, p. 171-172.

⁴⁸ GUARESCHI, Pedrinho Alcides. **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1984, p. 47.

⁴⁹ SACCONI, Luiz Antonio. **Grande dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 488.

Mundial.⁵⁰ Na Rússia, o caos causou a revolução. Vladimir Ilitch Lênin (1870-1924) passou a implementar um programa de reorganização social, estatizando a terra e todos os bancos e colocando as fábricas nas mãos de sindicatos controlados pelo governo. Dentro desse programa, todas as propriedades da igreja também foram confiscadas. Por fim, sem devolver os bens confiscados, o Estado abrandou as medidas demasiado severas contra a igreja. O fascismo, sob liderança de Benito Mussolini (1883-1945), surgiu com o propósito de transformar a nação inteira em uma máquina militar totalitarista. O movimento expandiu-se para outros países. O partido nazista, na Alemanha, chegou ao poder em 1933, acabando por ofuscar o fascismo italiano.⁵¹

Houve, durante este conflito, deslocamentos em massa de populações que fugiam do avanço nazista e, ao mesmo tempo, um deslocamento forçado, para fazendas e fábricas, que utilizavam pessoas para o trabalho escravo ou sua colocação em campos de concentração.⁵² O fim da Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa e a ruína do Império Otomano colocaram o mundo diante de movimentos massivos de pessoas, com cerca de 1,5 milhão de deslocados e refugiados. O problema dos refugiados continuou com a Segunda Guerra Mundial. Dezenas de milhões de pessoas se deslocam por diversas partes do mundo.⁵³

Nos países bálticos, o comunismo ocupou cidades e vilas. Em todo momento eram decretadas novas leis que restringiam a tudo e a todos e executavam barbaridades em nome da justiça e da cultura. Nenhuma propaganda religiosa era permitida. Em 1941, milhares de cidadãos, nas cidades e nos campos, foram arrancados de suas residências e deportados para lugares ignorados da Sibéria, para serem feitos de escravos da Rússia. Os alemães expulsaram as tropas russas, mas em 1944 os comunistas voltaram a ocupar o país. Então começou nova grande fuga do povo evangélico para a Alemanha, Suécia, América do Norte, Canadá, Austrália e Brasil, conforme as oportunidades que cada um conseguia aproveitar.⁵⁴

4.2 A influência para a América do Sul

Na Alemanha da década de 1820 sentiam-se as consequências das Guerras Napoleônicas: instabilidade política, divisão do território, destruição de lavouras e vidas humanas. Famílias inteiras marcadas pelo turbilhão da guerra, da fome e do desemprego

⁵⁰ GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 497.

⁵¹ GONZÁLEZ, 2011, p. 498-499.

⁵² PAIVA, Odair da Cruz. **Migrações internacionais pós segunda Guerra Mundial**: a influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Odair%20da%20Cruz%20paiva.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

⁵³ BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira. **Refúgio no Brasil**: A proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas américas. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2010/Refugio_no_Brasil.pdf?view=1>. Acesso em: 18 mar. 2016.

⁵⁴ RONIS, Osvaldo. **Uma epopeia de fé**: história dos batistas letos no Brasil. Rio de Janeiro: JUERP, 1974, p. 97-99.

passaram a migrar pela própria sobrevivência.⁵⁵ A partir de 1824, os alemães se espalharam pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Espírito Santo. Em 1866, os norte-americanos foram para diversas partes do Brasil, especialmente São Paulo. Depois de 1871, vieram os italianos, que desenvolveram os cafezais em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No começo de 1875, vieram os escravos, que são poloneses, ucranianos e outros, fixando-se no planalto paranaense. A partir de 1890, aportaram os holandeses, húngaros, lituanos e os letos.⁵⁶

No século XIX, emigraram de terras alemãs aproximadamente 10 milhões de pessoas, entre 1860-1930. As quotas anuais de emigrantes foram influenciadas por acontecimentos políticos como a revolução de 1848, as guerras de 1864, 1866 e 1870, pela guerra do Paraguai de 1864-1870 e crises econômicas. O início da emigração de alemães havia sido estimulado pela fantasia do Brasil ser terra virgem. Ainda não tinham informações sobre sofrimento e miséria dos emigrantes.⁵⁷

Ouviam-se histórias de terras férteis a perder de vista, paz para trabalhar e oportunidade de ser dono de seu próprio destino.⁵⁸ O contraste entre o ambiente que conheciam na Europa com aquele que se deparavam no Brasil, produziu nos recém-chegados um impacto negativo. Alguns dispersaram pelas cidades do Sul, enquanto outros voltaram.⁵⁹ Nesta época, houve a substituição da mão de obra escrava recém-liberta por imigrantes. Políticas promocionais de imigração massiva, que para o migrante significou enfrentar situações acompanhadas do desconhecimento ou violação de seus direitos humanos.⁶⁰

Os contingentes de emigrantes continuavam as suas antigas práticas religiosas em seus novos países. Muitos traziam consigo os seus pastores, e seu objetivo não era pregar aos nativos do país, por isso muitos imigrantes guardaram para si a fé de seus antepassados.⁶¹ Porém, existiam missões na América do Norte que se interessavam pela América Latina. O Brasil, com sua maioria absoluta de católicos romanos, poderia ser considerado um país cristão. Mas, não era o que pensavam os norte-americanos. Conheciam o catolicismo e o sabia que era idólatra e apegado ao culto aos santos. Estes missionários consideravam perigoso o desvio dos ensinamentos evangélicos, então entendiam que era necessário pregar aos brasileiros.⁶²

Desse modo, quase que desde o seu início, a igreja na América Latina teve duas faces. Uma era a face dominante, que justificava o que estava sendo feito em nome da

⁵⁵ CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL. **Os pioneiros 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil.** Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010, p. 19.

⁵⁶ RONIS, 1974, p. 105.

⁵⁷ PRIEN, Hans Jürgen. **Formação da igreja evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.** Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001, p. 25, 27.

⁵⁸ CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL, 2010, p. 19.

⁵⁹ RONIS, 1974, p. 108.

⁶⁰ MARITZA, Natália. **DDHH dos migrantes.** Disponível em: <<http://www.ccj.ufpb.br/pos/wpcontent/uploads/2013/07/Maritza-Nat%C3%A1lia-DDHH-dos-Migrantes.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

⁶¹ GONZÁLEZ, 2011, p. 476.

⁶² PEREIRA, José dos Reis da Silva. **História dos batistas no Brasil.** Rio de Janeiro: JUERP, 2001, p. 67-68.

evangelização. Outra era feita por igrejas que protestaram contra a injustiça, e particularmente contra a injustiça em nome do cristianismo.⁶³ Entre os imigrantes que vieram de diversas partes da Europa para o Brasil, buscando novas oportunidades para bem viver, havia alguns que eram diferentes. Eram cristãos, como os católicos e os luteranos, porém denominavam-se “batistas”. Na bagagem carregavam suas Bíblias; nos seus corações, a fé, a esperança e o amor.⁶⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das perseguições ao longo dos séculos, viu-se que a expansão do Evangelho foi influenciada por ela, uma vez que as pessoas se viam obrigadas a migrar para salvar suas vidas. Por onde passavam, os cristãos expandiam suas crenças, e assim, apesar da presença cristã ser pequena em algumas áreas, a fé em Jesus Cristo cresceu continuamente. Como visto, até mesmo o apóstolo Paulo descreveu que a oposição e perseguição não impediu o avanço da Palavra de Deus, inclusive entre grupos de judeus, que constataram o cristianismo se expandindo entre os gentios. A partir daí, tratou-se do Império Romano como responsável por inúmeras mortes de cristãos. Porém, como relatado, os cristãos aumentavam à medida que ouviam falar de mártires pela difusão da fé cristã.

O cristianismo expandiu-se de tal forma que Constantino oficializou a liberdade religiosa dentro do Império Romano. Esta medida fez com que a Igreja Católica Romana se tornasse detentora do conhecimento das Escrituras. Entretanto, houve movimentos de reformas na Igreja para que o povo conseguisse ter acesso a elas. Através das novas expedições além mar, o Evangelho foi espalhando-se por todo o mundo. As invasões para outros povos também fizeram com que os pagãos se tornassem cristãos. Muitas migrações não expandiram apenas territórios, mas também a comunidade cristã.

De igual modo, a migração para a América do Norte influenciou a expansão do Evangelho. Mais tarde, os americanos foram responsáveis pela expansão do cristianismo em outros países. Um dos grupos responsáveis por isso foram os de influência morávia, que conseguiram levar o Evangelho a locais inóspitos e difíceis, trazendo milhares de pessoas a Cristo. Também foi estudado o Comunismo, como movimento político que visava ter na mão do governo todos os assuntos sociais e religiosos. Após guerras, reorganizações sociais e governamentais, houve grandes deslocamentos de pessoas para outros países em busca de refúgio, conforme as oportunidades que cada um podia aproveitar. Ao longo dos séculos XIX e XX, emigraram inúmeras pessoas ao Brasil. Estes migrantes trouxeram a fé que é vista ainda hoje.

Apesar de todas as perseguições que os cristãos dos primeiros séculos enfrentaram, nota-se que a propagação do Evangelho aumentava gradativamente e silenciosamente. Não houve governo, lei ou imposição que parasse o crescimento do cristianismo. Através da vida de homens e mulheres usados por Deus, o cristianismo difundiu-se em várias culturas e povos.

⁶³ GONZÁLEZ, Ondina E.; GONZÁLEZ, Justo L. **Cristianismo na América Latina: uma história**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 17.

⁶⁴ CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL, 2010, p. 21.

Deus usou e ainda usa as reorganizações populacionais para expandir a sua Palavra a todos os povos, como aconteceu em Atos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Abraão de. **Lições da história que não podemos esquecer**. São Paulo: Vida, 1996. 278 p.

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira. **Refúgio no Brasil**: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas américas. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2010/Refugio_no_Brasil.pdf?view=1>. Acesso em: 18 mar. 2016.

CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL. **Os pioneiros 1910-2010**: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil. Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010. 288 p.

CURIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2003. 205 p.

DOWLEY, Tim. **Atlas Vida Nova**: da Bíblia e da história do cristianismo. Tradução de Robinson Malkomes e Eber Cocareli. São Paulo: Vida Nova, 2006. 160 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução de Key Yuassa. São Paulo: Vida Nova, 2011. 592 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2011. 608 p.

GONZÁLEZ, Ondina E.; GONZÁLEZ, Justo L. **Cristianismo na América Latina**: uma história. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2010. 480 p.

GUARESCHI, Pedrinho Alcides. **Sociologia crítica**: alternativas de mudança. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1984. 124 p.

MARITZA, Natália. **DDHH dos migrantes**. Disponível em: <<http://www.ccj.ufpb.br/pos/wpcontent/uploads/2013/07/Maritza-Nat%C3%A1lia-DDHH-dos-Migrantes.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

MATOS, Alderi Souza de. **A caminhada cristã na história**: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje. Viçosa: Ultimato, 2005. 256 p.

MATOS, Alderi Souza de. **A tua palavra é a verdade**: a saga dos Irmãos Morávios. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/287/a-tua-palavra-e-a-verdade-a-saga-dos-irmaos-moravios>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

MATOS, Alderi Souza de. **O crescimento da igreja através dos séculos**, 2016. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7127.html>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Histórica**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: CEP, 2007. 384 p.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001. 668 p.

PAIVA, Odair da Cruz. **Migrações internacionais pós segunda Guerra Mundial: a influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960**. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Odair%20da%20Cruz%20paiva.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

PEREIRA, José dos Reis da Silva. **História dos Batistas no Brasil**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. 400 p.

PRIEN, Hans Jürgen. **Formação da igreja evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001

RONIS, Osvaldo. **Uma epopeia de fé: história dos batistas letos no Brasil**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1974. 634 p.

RUSSEL, David S. **Entre o Antigo e o Novo Testamento: o período interbíblico**. Tradução de Eliseu Pereira. São Paulo: Abba Press, 2005. 174 p.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010. 2087 p.

SANTOS, Ismael dos. **Atos 29: breves notas sobre os três primeiros séculos da igreja cristã**. Blumenau: Nova Letra, 2006. 96 p.

SCOTT, Benjamin. **As catacumbas de Roma**. Tradução de José Luiz Fernandes Braga Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 1923. 176 p.

SOUZA, Wanessa. **As grandes navegações e o descobrimento do Brasil**. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/asgrandesnavegacoeseodescobrimentodobrasil.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos: até os confins da terra**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 2000. 462 p.

TUCKER, Ruth A. **“... E até aos confins da terra”**: uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1989. 590 p.

WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã**. Tradução de Paulo D. Siepiskowski. São Paulo: ASTE, 2006. 888 p.

WAND, J. W. C. **História da Igreja Primitiva: até o ano 500**. Tradução de Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Custom, 2004. 328 p.

WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas movimento cristão mundial**. Tradução de Andrea Meznar. São Paulo: Vida Nova, 2009. 792 p.